

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

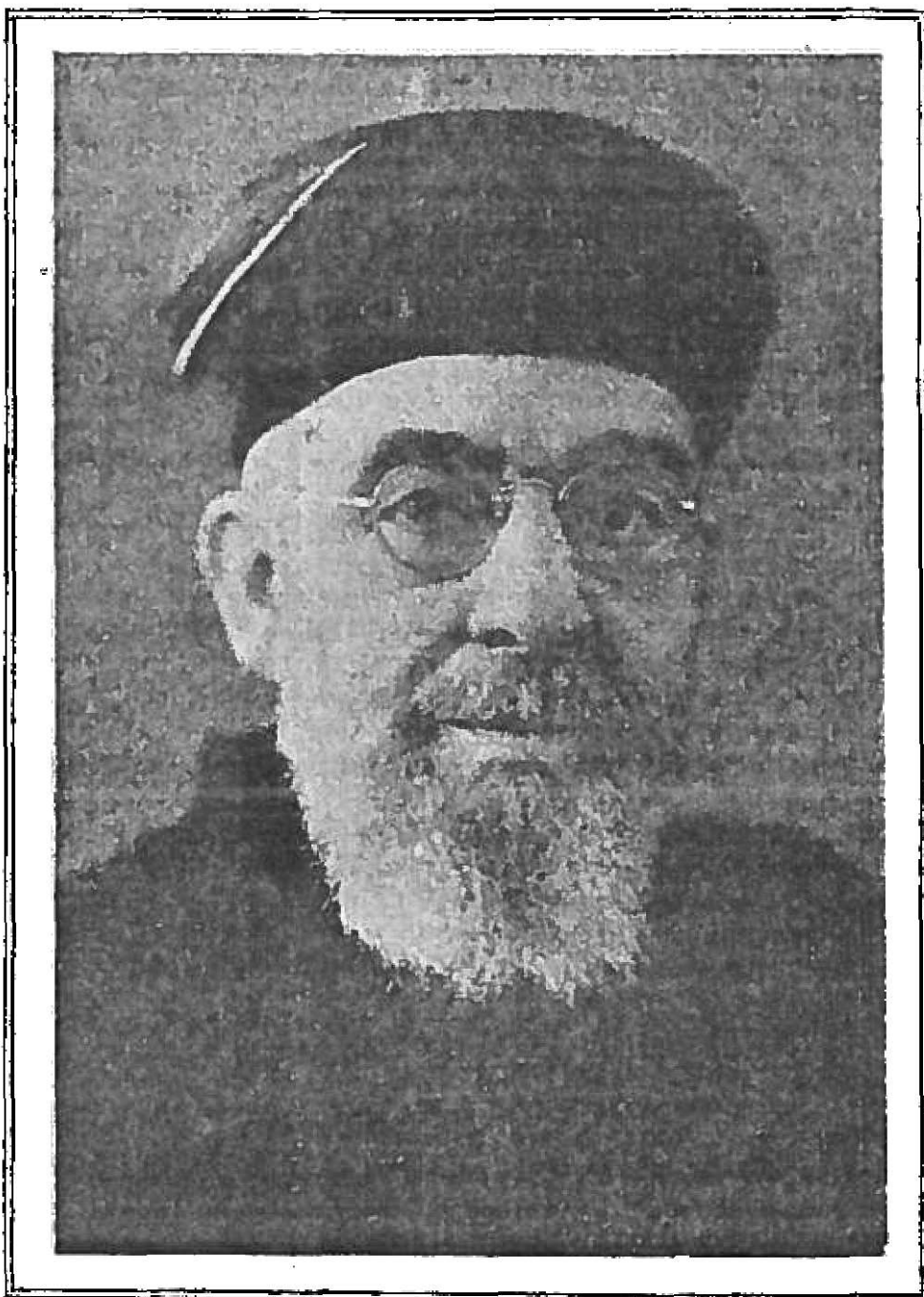
(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR — A. G. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Restauração, 817-2.º
PORTO

RABI-MOR BEN-SION MEIR H'AI UZIEL

Nasceu em Jerusalém em 5640 (1880 E. V.), seu pai era um Rabi e o seu avô era o Rabi-mor da Terra Santa. Ele teve uma cuidadosa educação Talmúdica em várias Yeshivot (Institutos Teológicos). Em 1912 foi nomeado Rabi de Jafa e em 1919 foi Rabi-mor de Salónica. Em 1939 foi nomeado Rishon Iesion — (Primeiro de Sion) (Título oficial do Rabi-mor Sephardi da Terra Santa), Rabi-mor Uziel é uma das figuras mais estimadas na vida judaica da Terra Santa; o seu grande conhecimento do Talmud, a sua sabedoria, gentileza e generosidade são bem conhecidas. É autor de vários livros três dos quais já foram publicados.



O Deus do Pentateuco é o Deus universal

Pelo COMANDANTE A. LIPMAN

Para o demonstrar, vamos examinar sucessivamente a conceição do Deus criador, a dos patriarcas e a do Deus de Moisés.

1.º *O Deus criador* — Não creio que ninguém conteste a antiguidade da narração da Criação, pela qual começa o livro do Génesis. Se se está bem apoiado sobre os ingénuos antropomorfismos que ele apresenta! Ora, que nos mostra esta narração? Mostra-nos um Deus que, pela sua vontade onnipotente, sem matéria prima, sem o socorro de ninguém, *criou o universo*. É impossível conceber um Deus mais universal. O dilúvio em seguida destrói toda a humanidade, salvo Noé e a sua família. Depois do falhanço da Torre de Babel, a descendência de Noé povoa a terra e as setenta nações, enumeradas como saídas desta descendência, são consideradas pela narração mosaica como constituindo a nova humanidade toda inteira (Génesis, cap. X e XI; XI, 9).

2.º *O Deus dos patriarcas* — A narração bíblica continua pela história dos patriarcas. Deus revela-se a Abraham; mas o pacto que Ele conclui com ele não interessará a ele só e ao povo hebreu: «Eu próprio trato contigo; tu serás o *pai duma multidão de nações*. Teu nome não se pronunciará mais Abram: teu nome será Abraham, porque eu te faço pai duma *multidão de nações*» (Génesis, XVI, 4-5).

Depois da terrível prova de Abraham, esta promessa é repetida mais claramente ainda: «E todas as nações da *terra* serão felizes pela tua prosperidade, em recompensa de tu teres obedecido à minha voz» (XXII, 18).

De facto, Cristãos e Muçulmanos, toda a humanidade civilizada, reclamam Abraham, e não somente os Israelitas.

Esta promessa de ordem universalista é em seguida renovada a Isaac, depois a Jacob (Génesis, XXVI, 4; XXVIII, 14).

Além disto, viu-se, desde o capítulo XIV, 18-23, Melchisedek, depois Abraham, prestar juramento «diante do Eterno, Deus supremo, *autor do céu e da terra*».

3.º *O Deus de Moisés* — Deus revela-se

a Moisés no monte Horeb, como o *Ser por excelência*: «Eu existo porque eu existo».

Moisés disse a Deus: «Eis que eu vou encontrar os filhos de Israel e dizer-lhes:

— O Deus de vossos pais me enviou para vós; se eles me dizem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Deus respondeu a Moisés: «Eu existo porque existo».

E acrescentou: Assim falarás aos filhos de Israel: O Eterno, Deus de vossos pais, Deus de Abraham, Deus de Isaac e Deus de Jacob me enviou para vós.

Tal é o meu nome para sempre, tal é o meu atributo de geração em geração (Exodo, III, 13-15).

Identidade completa, vê-se, entre o Ser por excelência e o nome quadrilátero, que nós exprimimos por este motivo por o Eterno».

A universalidade do Deus de Abraham, implicitamente afirmada nas narrações do Génesis, é pois explicitamente proclamada pelo Exodo. Nada de mais universal que o *Ser por excelência*, «Aquele pelo qual nós vivemos» segundo a curiosa expressão de Aristóteles.

Aqui se impõe uma nota de ordem geral, que esclarecerá com uma viva luz a questão, tão sãbiamente obscurecida, do «deus nacional de Israel».

É certo que na Torah, Israel mantém o lugar preponderante. O *Génesis* é pleno da história dos patriarcas, que é a história das *origens de Israel*. O *Exodo* é principalmente a narração da *libertação de Israel*, da sua *organização religiosa*. O *Levítico* é em grande parte consagrado às prescrições do *culto público de Israel*, os *Números* às *provas de Israel* no deserto. O *Deuterónimo* só é uma lembrança dos principais *acontecimentos vividos por Israel*, das leis que *Israel recebeu* e uma apurada exortação de ter de seguir estas leis. Assim um leitor superficial poderia, à primeira vista, acreditar que o Pentateuco só se ocupa dum pequeno povo e do deus deste pequeno povo.

Mas se se lê atentamente, que se vê? Vê-se que este pequeno povo é o *povo*

eleito do Deus universal, povo graças ao qual todas as nações da terra devem encontrar a felicidade.

Então, toda a Torah se ilumina com uma imortal claridade: a Torah foi ditada a Moisés para a humanidade inteira, porque o povo de Israel é o instrutor da humanidade, escolhido pela Providência. E é isto que exprime esta passagem célebre do *Exodo*, que eu entrego à meditação de todos os partidários do famoso *particularismo* ou do *feroz isolamento* de Israel:

«E Moisés subiu para Deus; e o Eterno, chamando-o do alto da montanha, lhe disse: Dirige este discurso à casa de Jacob, esta declaração aos filhos de Israel: Vós vistes o que eu fiz aos Egípcios; a vós, eu vos levei sobre as asas das águias, eu vos aproximei de mim. Doravante, se vós sois dóceis à minha voz, se vós guardais a minha aliança, vós sereis o meu tesouro entre os povos. Porque toda a terra me pertence; mas vós sereis para mim um reino de pontífices e uma nação consagrada. Tal é a linguagem que tu terás com os filhos de Israel (*Exodo*, XIX, 3-6).

Mas se as coisas são tais, se a Torah deve servir para todos os homens e não apenas para o povo de Israel, esta tendência deve-se manifestar por vezes directamente. É com efeito o que tem lugar, como vão mostrá-lo alguns exemplos.

Primeiramente a aliança de Deus com Noé, no *Génese*, IX, 1-17; ela aplica-se a toda a humanidade:

Eis aqui (o arco-iris que parece ligar a terra ao céu) o sinal da aliança que eu estabeleci entre mim e *todas as criaturas da terra*.

Depois o Decálogo, a mais importante das revelações que relata a Torah, faz-se notar pelo seu carácter de universalidade. Também ele está na base das legislações de todos os povos civilizados, depois da difusão do cristianismo. E contudo este Decálogo não começa por uma declaração na aparência particularista: «Eu sou o Eterno teu Deus, que te fez sair do país do Egipto, duma casa de escravidão», mas que examinada de perto, relembra a Israel que ele não safu da escravidão egípcia senão para receber o depósito sagrado duma Lei de alcance universal?

Quando, nos *Números*, XVI, 23, Moisés e Aarão intercedem em favor dos rebeldes

da facção de Coré, é ao «*Deus dos espíritos de toda a carne*» que vai a sua súplica, e não ao Deus dos pais ou ao Deus de Israel; é que eles falam em nome da justiça e que a justiça é de ordem universal: «ó Deus, Deus dos espíritos de toda a carne! Quê, um só homem terá pecado e tu te irritarias contra a comunidade inteira?»

Mais longe, no capítulo XXVII, versículo 16 Moisés emprega a mesma qualificação para pedir a Deus para designar o seu sucessor: «Que o Eterno, *Deus dos espíritos de toda a carne*, institua um chefe sobre esta comunidade, que caminhe sem cessar à sua frente e que dirija todos os seus movimentos; a fim de que a *comunidade do Eterno* não seja como um rebanho sem pastor».

A aparição deste atributo universalista ao nome quadrilátero mostra superabundantemente que este último nunca se pode aplicar a um deus nacional.

(Do «*Univers Israelite*» 2-Julho-1926).

FALECIMENTOS

No dia 26 de Dezembro de 1951 faleceu na Lunda (Angola) Norberto (David) Augusto Moreno, agente técnico de Engenharia em serviço na Companhia dos Diamantes de Angola, em consequência de choque entre a moto com sidecar que conduzia e um camião pesado, tendo a morte sido instantânea.

—No dia 25 de Fevereiro realizou-se o funeral da Ex.^{ma} Sr.^a D. Berta Sarah Oppenheim no cemitério municipal de Agramonte, tendo sido feitas as devidas orações fúnebres pelo nosso director segundo o rito sephardi (luso-hispânico).

VISITANTES

Em Maio visitou o nosso templo Sinagoga Kadoorie Mekor H'aim o Sr. Fred Ascher, de Chicago (U. S. A.) que se mostrou encantado com este monumento judaico na cidade do Porto.

Em Junho também tivemos o prazer de receber a visita do Sr. Dr. Maurice Ettinhausen, de Londres.

DAVID MORENO

Morreu, estúpidamente, em Angola, David Moreno.

Um desastre de automóvel — ao que parece. Um gesto agressivo e raivoso do Destino a desembaraçar-se de alguém que o entontecia, há muitos anos, com a sua acção abnegada e inteligente.

*
* * *

Nada há, neste mundo das letras, de mais triste, do que o artigo «In-Memoriam». Duplamente triste. Porque à tristeza da lembrança, em si, do desaparecido, se une a tristeza da forma, forçosamente banal e monótona e até, algumas vezes, a de opinar, seu génio, de alguém que foi genial. Eis porque eu não quero acumular tristeza sobre saudade.

O que se segue é uma manta de retalhos pequenos e desalinhavados...; e o que para mim representou a morte de David Moreno, não é coisa que se traduza em palavras.

O Judaísmo português perdeu assim, um dos seus grandes obreiros. É que David Moreno com os seus defeitos e com as suas qualidades, representava o «Marnismo» — como poucos, até hoje, o souberam fazer.

Educado no Instituto Teológico Israelita do Porto e um dos mais devotados discípulos do Capitão Barros Basto, David Moreno, personificou em si, durante algumas décadas o movimento da redenção do judaísmo português.

Não é fácil comprimir dentro de uma crónica — essa curta existência de... anos. Basta que a notícia fatal nos toque ao de leve, para logo faiscar da nossa memória um «filme» de longa metragem pleno de aventuras, de episódios curiosos e até inverosímeis.

Formado em engenharia pelo I. I. do Porto, David Moreno podia, se quisesse, ter deixado, tanto no jornalismo como na

literatura, um nome. Era vivo, rápido; possuidor de uma inteligência oportuna e quase sempre brilhante. Tinha «jeito», o feitio — valorizador por um bom gosto invulgar.

Não quis. Em vez de escrever a vida — preferiu vivê-la. E como não era rico, nem nascera em Paris, nem sobre os seus pés se abriam alçapões da sorte — quis ele próprio projectar-se, num prodígio de habilidade, aos paraísos ambicionados.

*
* * *

Embora eu fosse mais ou menos, conterrâneo de David Moreno, pois que este nascera em Freixo-de-Espada-à-Cinta, só o vim a conhecer no Porto.

No entanto conheci de cor o título de todas as suas crónicas, publicadas nesta folha, onde hoje evoco o seu desaparecimento.

O retrato de David Moreno, que saltara algumas vezes sob os meus olhos, ao folhear magazines — fixara-se para sempre na minha mente... E antes de o conhecer — já o conhecia: moreno, uns olhos claros permanentemente alvados, numa expressão mixta de sono e de sonho, um rictos de fadiga, de «blasé», arrepanhando-lhe um canto da boca; cabelo levemente encaracolado a surdir um chapéu de grandes abas.

E por isso, quando naquela manhã de inverno, o descobri à porta da Sinagoga — senti o vermelhão das grandes horas!

E fui até ele; e abordei-o..., e apresentei-me. Seguidamente conversamos sobre tudo e todos...

Não lhe faço o necrológio, não! David Moreno não morreu — afastou-se de nós porque seu espírito luminoso, claro, genial, evoluiu e, em mundos melhores, certo, não esquece os entes caros que deixou na terra.

Amílcar Paulo

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(Continuação do número 149)

CAPÍTULO VII

I — Santificação da refeição

Se o dia é cercado de santidade pela oração, cada acto importante o é também; o acto mais marcante do dia, depois do levantar, sendo a refeição, esta é cercada de abluções e de orações. Esta concepção tem por fim altear a alimentação afastando o pensamento do homem do prazer exclusivo dos sentidos e dirigindo-o para a necessidade de trabalhar para o adquirir e de o assegurar àqueles que não puderam prover-se do necessário apeser dos seus esforços.

II — Leis alimentares

Querendo-nos ensinar a dominar os nossos apetites, a religião judia não se contenta em santificar as refeições, mas ela exige certas abstenções. Como o apetite do estômago é dos mais imperiosos, o modo como nós o dominamos prova o poder que nós possuímos sobre os outros apetites. Também ele habituou os seus adeptos a não consumir tudo o que os tenta, mas a distinguir entre o que pode comer e o que não pode. «Vós observareis a distinção entre os animais puros e os animais impuros, a fim de não tornar as vossas pessoas abomináveis quer pelos animais, quer pelas aves, quer pelos réptis que eu vos ensinei a distinguir como impuros: vós sereis santos para mim, por que eu sou santo, eu o Eterno. . . » (Lev. XX, 25, 26).

Da mesma maneira que a Lei de Moisés ensina a restringir a sua escolha nos animais destinados a serem comidos, ela proíbe a consumação dos animais mortos ou ret-

lhados (Lev. XVII, 15; XXII, 8). «Vós sereis para mim homens santos; vós não comereis animal despedaçado nos campos, vós o deixareis aos cães (Ex. XXII, 31)».

Em summa, se nós substituímos o termo *santo* pelo de *conveniente*, nós reencontramos regras sensivelmente análogas na nossa sociedade moderna. Sem procurar ser um santo, no sentido místico deste termo, o homem *bem educado* de nossos dias não se alimenta nem das mesmas coisas nem da mesma maneira que o rústico e, sem que nenhum código o prescreva, ninguém comeria, hoje, da carne dum animal morto naturalmente ou despedaçado por um outro. Mas, para se chegar a isto, foi preciso séculos de educação, e o mérito das leis alimentares judias é de ter inculcado, há cerca de três mil anos, sentimentos de limpeza e dignidade que, infelizmente, não são ainda suficientemente generalizadas hoje. Encontra-se ainda bastante comum, no povo, gentes que se não repugnam de comer gato, e até ratos. Estes gostos são de resto diversamente apreciados de um povo para outro. Para um inglês, é uma monstruosidade alimentar-se de crustáceos e ele troça do francês dando-lhe a alcunha de «comedor de rãs» (M. Froggy). Há atractivos e horrores que variam com as variedades de indivíduos e que correspondem a um certo requinte de personalidade. E se não está sempre estabelecido que as leis alimentares da religião judia correspondem a uma estricte higiene, elas provam que os judeus eram já requintados numa época em que o mundo greco-latino era ainda bárbaro sobre esta relação: todo o mundo sabe de que modo libidinoso as refeições se terminavam nuns, e de que modo grosseiro noutros. Os judeus foram pré-munidos contra estas corrupções de costumes graças ao modo como a alimentação é santificada no judaísmo.

III — Dignidade da mesa

A pureza dos manjares não seria suficiente se ela não fosse completada pela dignidade do porte e a correcção dos ditos. «As pessoas bem educadas de Jerusalém, relata o Talmud (Sanhedrim 23 a, Pesahim 86 b, Derekh erets VI e VII), não aceitavam nunca jantar sem saber quem eles teriam a seus lados». Os nossos Rabinos da antiguidade conheciam todo um protocolo de saber viver que dariam bem pontos aos nossos melhores tratados actuais. Certos de entre eles vão mesmo até exigir que as palestras de mesa sejam sempre sérias e que tenham por assunto a Lei divina (Aboth III, 3). A tradição judia tem, de resto, realizado as suas vistas cercando as refeições com bênçãos, a de sexta-feira à noite, de Zemiroth, e a da Páscoa, da leitura de Hagadah, sem prejuízo das consagrações de abertura (Kidush) que inauguram as do sábado e das festas. O judaísmo não tolera a mesa vulgar ou licenciosa, quer seja à moda dos antigos gregos ou romanos, ou dos modernos amigos de comezainas. Em nenhum momento ele permite o relaxamento da dignidade e do respeito humano.

CAPÍTULO VIII

I — Santidade geradora

O Sábado

Se a santidade não deve nunca fazer falta, ela não pode, contudo, manter-se constantemente a uma altura igual: assim, o dia do Sábado é consagrado especialmente a renovar as forças de santidade (yom menuhá ukedushá). Ele não é um simples dia de repouso semanal: é um dia de recreação espiritual (oneg shabath); é um dia em que nós pedimos a Deus para «purificar nosso coração a fim de poder servi-lo mais fielmente. «Em nos convidando ao doce repouso do Sábado, Deus nos revestiu de santidade (Shemoné esré)». É a razão pela qual, na religião judia, ele tomou um lugar tal que muitos preferiram-se deixar massacrar antes que violá-lo, e que os nossos profetas o verdadeiro fiel pelo

seu amor pelo Sábado. «Se tu te abstens no dia de Sábado — diz o Profeta Isaías (LVIII, 13-14) — de seguirees os teus hábitos, se tu fazes dele um dia de delícias e que tu o honras como um dia consagrado a Deus, eu te farei conquistar as alturas do país e gozar da propriedade de Jacob, teu antepassado».

Este dia foi tão caro aos Israelitas que eles lhe votaram um amor comparado ao de dois jovens seres. Na véspera do Sábado, quando os últimos raios do dia se retiram diante das sombras do crepúsculo, que fazem cortejo ao Sábado, a comunidade de Israel, enfeitada com os seus mais belos adornos, sai ao seu encontro para receber a sua bem amada, a solenidade do Sábado. «Vamos perante o Sábado! É a fonte da nossa felicidade... Desperta-te, Israel! Uma luz esplêndida brilha sobre ti! Desperta-te, entoa cânticos de alegria: a majestade divina avança para ti!... Sê bem-vinda, a alegria do teu bem amado, ó Sábado bem amado, vem te alegrar no meio de nós! Vem, ó Sábado bem amado, vem te alegrar no meio de nós! (ritual de sexta-feira à noite)».

O judaísmo fez ao Sábado um lugar de honra distinguindo-o ostensivamente dos outros dias; ele é aberto pela consagração do *Kidush* e encerrado pelo rito da *Hab-dalah*. Assim, a semana atinge o seu ponto culminante em plena santidade.

(Continua).

FESTAS EM 1952

Purim — 11 de Março.

Páscoa — 10 de Abril.

Shabuoth — 30 de Maio.

9 de Ab — 31 de Julho.

Rosh Ha-shanah — 20 de Setembro.

Kipur — 29 de Setembro.

Sukoth — 4 de Outubro.

Hanukah — 13 de Dezembro.

Visado pela Comissão de Censura

JUDEUS E CRISTÃOS NOVOS

DE ROCHA MARTINS

Perguntam-me se prefiro os judeus aos cristãos novos e porquê? Naturalmente, tem-se notado, nos meus artigos, alguma coisa que revela o meu sentimento ao louvar na raça precita, os seus sentimentos de perseverança, isto é: os dos que ficam fiéis à sua fé, condenando os outros.

Os judeus que não trocam a sua religião pela dos católicos podem ter os defeitos que se atribuem à sua raça, mas os cristãos novos não os perdem só porque se baptizam. O sangue fala mais alto do que a voz do sacerdote que os tornou católicos.

A adesão, a aquiescência, a submissão a doutrinas antagónicas às das suas tradições, é, acaso, elixir ou panacea para modificar temperamentos?!

Não é Por consequência, em vez de se encontrar um judeu puro, depara-se-nos um judeu falso, com o acréscimo da sua falta de sinceridade ao ensaiar as rezas novas para o seu espírito,

O cristão novo inicial é o judeu que teve medo da Inquisição ou modificou a fé por qualquer interesse.

O judeu puro é heróico em determinados momentos da História; o cristão novo é cobarde, porque se coloca ao lado do vencedor.

Aos primeiros, põe-se-lhe o problema: Renega e escapas? Ao segundo aceita-se a abdição, mas intimamente despreza-se.

Há expressões nos rostos dos cristãos novos que não esperam pelas suas palavras para definirem a sua ancestralidade. Baptizaram-nos: puseram-lhe nomes católicos, ensinaram-nos a rezar e então, esses catecúmenos são, aparência, pelo menos, mais fervorosos nos seus deveres religiosos do que os cristãos velhos. Estes não carecem mostrar que cumprem; aqueles precisam dar nas vistas. Têm dentro de si alguma coisa que os acusa. Dir-se-ia que receiam sempre o inquisidor.

O judeu que conserva as suas crenças,

está constantemente na barricada naquelas horas de perseguição e de ataque, da infâmia da força. Perece a combater ou a rezar; não renega o seu Deus nem a Fé de seus pais; não troca por uma suposta tranquilidade — não a terá intimamente — o que representa a sua própria essência. Um é o soldado que sente ser melhor morrer no combate do que acabar cativo. O outro, — é desertor, o que aclama hoje o que ontem detestava, só porque tem medo ou o interesse o leva a repudiar a sua religião.

Porque assim é, podemos considerar o que persiste até à morte honrado e sério, para o efeito da crença e mísero de ânimo o que renuncia.

Durante as perseguições de que os judeus têm sido alvo, através dos tempos são mais numerosos os sacrifícios do que as abdições; os heroísmos do que as transigências; a compreensão da sua lei do que o repúdio do que lhe ensinaram os pais.

Para se ter conservado uma religião através dos séculos, sendo perseguida, por vezes, até ao martírio, até ao horror, é necessário que ela seja muito forte e dominadora

As massas Israelitas mantiveram-se mesmo quando se votou o seu extermínio. Elementos de coesão, de força, aceitando o infortúnio, mas não se ajoelhando perante os carrascos, souberam encher de valor e de dignidade as páginas da História de Israel.

Aos cristãos novos vejo-os de outra maneira inteiramente diferente. Como não se apaga, nem mesmo ao cabo de algumas gerações, a origem dos seres, os renegados que aparecem, às vezes em situações predominantes, traem, aos que servem, as suas qualidades ráticas com a apostila da hipocrisia.

O seu ardor no culto da fé nova a que se jungiram, num dia de medo, os seus progenitores, é um estigma. Acusa a co-

bardia, o reconhecimento da força que lhes empolga o corpo e a alma.

Não é melhor sacrificar o corpo e bradar bem alto a sua fé?!

Folheando, ao acaso, a história das perseguições aos iraelitas, encontramos aquele decreto cruel do mais feliz e do menos valoroso rei de Portugal, da dinastia de Aviz, D. Manuel I, pelo qual ordenava o sequestro dos filhos dos judeus.

O amor da família hebraica é tradicional. Amam os filhos como a continuação de si próprios e da raça; labutam para que sejam ricos e venturosos e nos seus lares reina a dignidade. A educação da prole, dentro dos princípios da sua religião, é feita com todo o critério e sem desvio.

Quando o decreto, datado de Evora, em Abril de 1497, ordenava que tirassem os filhos aos judeus, houve os que foram obrigados a entregá-los às autoridades para serem educados por ordem do rei e a seu talante, dentro do catolicismo, mas também houve, entre os que expoliavam do seu amor, os que preferiram matar a prole e com ela morrer do que vê-la nas mãos dos inimigos da sua fé.

Que heróica e honrada resolução! Perante a memória daqueles pais, que acabavam junto dos seus, inclinam-se as fronte e enchem-se de admiração as almas dignas.

Recordando os outros, os que se submeteram à fé que não sentiam, tem-se a ideia de um rebanho hipócrita pronto a fingir e, por consequência, a exagerar as suas manifestações. Por isso digo que o cristão novo é refalsado e julga que a própria sombra é a do familiar do Santo Offício pronto a empolgá-lo.

Por motivos de religião ou de política, sacrificar-se quem não pensa como os dominadores, é próprio de bárbaros que arvoram bandeiras de civilizados, como sucedeu na Alemanha de Hitler, esse louco que contaminou uma nação predisposta para a alucinação colectiva.

Na Itália, o «duce», que esquecer a própria fome e a miséria, passadas durante a sua emigração na Suíça, pretendeu exterminar os judeus. Não os viu de rastos e súplices, mas prontos a afrontar a morte. Um deles, comandante de um regimento, mandou formar os seus subordinados, colocou-se diante deles, empunhando a ban-

deira, que jurara defender, e suicidou-se, salpicando com o seu sangue, a signa da Pátria.

Não era a bandeira de um Partido, como a Suástica, imposta à Alemanha, mas a da Itália que os Sabóias da decadência não souberam defender.

Aquele israelita suicida foi heróico. Não procedeu como possivelmente outros, que, para não perderem os empregos renegaram a Fé de seus pais. Aquele preferiu perder a vida.

Da *República* — Lisboa, 17 de Abril de 1952.

CASAMENTOS

No dia 9 de Junho (16 de Sivan) realizou-se em Tel-Aviv o casamento da menina Enhe Rivkah, natural de Matosinhos (Portugal), com o Sr. Shlomo Margalit, de Petah' Tikvah (Israel).

As bênçãos foram dadas pelo Rev.º Rabi de Ramat Gan B.

Teve uma numerosa e selecta assistência. Discursaram muitos Rabinos, entre eles o Rabi Hilel Widkind, amigo do tempo da escola do pai da noiva.

A noiva é filha do Sr. Menasseh Bendob e de D. Branca Roskin Bendob que exerceram indústria e comércio de peles de agasalho em Matosinhos e Porto durante 23 anos. O pai da noiva foi membro fundador da Comunidade Israelita do Porto, onde exerceu funções de 1.º secretário e dedicou o seu cuidado ao ensino e ao culto durante 20 anos pelo que foi reconhecido como membro benemérito. O noivo é formado pela Yeshibah de Petah' Tikvah em anatomia. O jovem casal fixou residência em Haifa. O pai da noiva veio residir para o Porto empregando na comunidade a sua boa acção cultural e cultural.

— No dia 4 de Junho casou-se a menina Sonia Halpern, sobrinha do Sr. Armando Halpern, um dos sócios fundadores da Comunidade Israelita do Porto, com o Sr. Natan Mucznick, na Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) à Rua Alexandre Herculano — Lisboa.

Siman Tob — Mazal Tob
(Bom sinal — Boa estrela)